

SUSANA MOREIRA MARQUES

De que falamos quando falamos da guerra

Os rapazes que foram à guerra envelheceram. Começaram a olhar para trás, a fazer balanços, a querer deixar o seu testemunho. Depois de décadas de silêncio, em que foi assunto tabu, a Guerra Colonial saltou para fora do baú. Nas livrarias e na internet não faltam memórias de ex-combatentes. Já não querem ser vistos como os que “fizeram” a “guerra dos colonialistas”, mas como aqueles a quem lhes calhou aquele pedaço de História. Foram 13 anos de guerra em África e muitos mais nas casas de famílias portuguesas. A Guerra Colonial não ficou resolvida em 1974 nem em 1975, quando as últimas ex-colónias portuguesas se tornaram independentes. Mas de que falamos quando falamos da Guerra Colonial? E de que maneira estas memórias continuam a afectar os portugueses, não só os que viveram a experiência de guerra, mas aqueles que as ouvem contar?

Ouvimos especialistas que lidam todos os dias com as lutas contínuas de quem esteve na guerra. E ouvimos histórias de pessoas que foram à guerra e cujas memórias de perda, sobrevivência, recomeço, fazem parte de quem são.

D

epois de ter ficado ferido ao pisar uma mina e de ter sido retirado de Moçambique, Francisco Janeiro lembra-se de estar no hospital, ver entrar uma mãe de um soldado e ver nos olhos dela o reflexo da guerra. Numa enfermaria militar, fora da fronteira da vida civil, uma mãe via o horror da guerra. Uma namorada chegava junto do seu jovem homem numa cama de hospital e, com os olhos, procurava-lhe as pernas.

Era o início dos anos 70. Parecia haver uma impossibilidade de entendimento entre os olhares dos homens que tinham ido à guerra em África e os olhares de quem os via chegar – um desacerto entre os combatentes e a sociedade, que durou praticamente até aos dias de hoje.

Logo a seguir ao 25 de Abril, tempo de todas as lutas em paz, Francisco Janeiro envolveu-se na sua, para criar uma associação e conseguir que fosse aprovado um estatuto do ex-combatente ou, dito de outra maneira: “Para obrigar o Governo a olhar para nós”, diz. “A guerra tinha sido uma tragédia.” 13 anos, mais de 8 mil mortos, cerca de 25 mil deficientes de guerra. Pensa-se que aproximadamente 10% do milhão de homens mobilizados tenha desenvolvido stress de guerra.

Francisco Janeiro, ele próprio, é um número nessa tragédia: perdeu uma perna e a visão de um olho. Percebeu logo, e na pele, a falta de apoio do Estado e a falta de coragem política para discutir a guerra – uma discussão censurada em ditadura e envergonhada em democracia.

Hoje, Francisco Janeiro é presidente da delegação de Lisboa da Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA) e sabe que foi uma excepção: um ex-combatente que sempre falou sobre o que viveu, que sempre “obrigou” os outros a olhar para ele, deficiente de guerra, recusando o estigma. A maior parte dos ex-combatentes viveu em silêncio – e um silêncio que os portugueses pareciam agradecer.

Mas recentemente, nos últimos 10, 15 anos, algo mudou. Os ex-combatentes começaram a trazer as suas histórias para fora dos círculos de reunião dos antigos camaradas de serviço militar; começaram a escrever e a publicar – em blogs, na internet, ou em livros, quer em edições comerciais ou em pequenas edições feitas por associações locais ou câmaras municipais ou mesmo em edições de autor. Entretanto, apareceram programas na televisão, como a série feita por Joaquim Furtado. Os jornais começam a trazer para as suas páginas as memórias de ex-combatentes e a interessarem-se pelo que têm a dizer. O baú abriu-se.

Os rapazes que viveram a guerra colonial com 20 anos, hoje têm 60, 65, 70 anos. Envelheceram. Reformaram-se e têm tempo para pensar, para se encontrarem com os camaradas e falarem, eventualmente, para escreverem. Não têm tempo para esperar mais para contar a sua história ou para tentarem repor alguma justiça em relação à maneira como sentem que foram tratados e, mais do que isso, retratados.

“A partir do momento em que se abre o diálogo, os ex-combatentes querem dar a sua opinião: ‘Não era bem assim, eu estive lá’. Sentem necessidade de dizer: eu estive lá, eu vi”, diz Margarida Calafate Ribeiro, investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. “Houve um efeito bola de neve.”

Para a psiquiatra Luísa Sales, responsável pelo Serviço de Psiquiatria do Hospital Militar de Coimbra, o facto de se ter aberto a discussão no espaço público foi importante para os ex-combatentes. “O falar permite clarificar, e também perceber: afinal, não sou só eu que tenho esta questão”, explica. “E nos últimos anos mais pessoas foram capazes de dizer: ‘Eu preciso de ajuda’.”

Luísa Sales tem um doente que nunca abriu a mala que trouxe do Ultramar. “Não abriu nem a mala física nem a metafórica. Se abrisse uma, a outra saltava cá para fora.”

Com os eventuais riscos que possa ter abrir as “malas” desse tempo, para a psiquiatra são maiores os benefícios para os ex-combatentes de começarmos a falar e de percebermos que falar da guerra não é só falar do passado mas, sobretudo, começar a enquadrar esse passado no presente.

PAIS E FILHOS

Luísa Sales não ajuda só os ex-combatentes. Parte do trabalho que faz é com as famílias dos ex-combatentes. Lembra que durante muitos anos a guerra foi inexistente e não apenas no espaço público: “No espaço familiar era uma espécie

de sombra que pairava e que, frequentemente, não era assumida nem falada”, diz. “A segunda geração conheceu a guerra de casa. Há marcas nas relações entre pais e filhos. Houve uma vulnerabilidade que se reflectiu na infância dos filhos.”

Os filhos da guerra cresceram com perguntas e talvez tenham sido eles que começaram a dar respostas.

“Não se pode pôr simplesmente um ponto final na História”, diz Margarida Calafate Ribeiro, que coordena um projecto sobre pós-memória e os filhos do império. “Há sempre uma segunda geração que vem reelaborar as coisas. E o puzzle que o filho monta é diferente. Há uma série de respostas que são dadas pela segunda geração, porque a primeira está de certa forma comprometida.”

SOCORRER O PRESENTE

No edifício da ADFA, mesmo à porta do gabinete de Francisco Janeiro, há um placar com informações e horários dos serviços clínicos e das actividades, que vão desde yoga do riso a origami ou pintura.

É bom imaginar pessoas activas, capazes de lidar com a sua história de vida. Mas essa não é a realidade de uma grande parte dos ex-combatentes, especialmente dos deficientes ou daqueles que sofrem de stress pós-traumático.

Francisco Janeiro passa os dias a resolver os pedidos que lhe chegam. O tempo nunca chega. Às vezes, não há solução, morre-se antes que haja solução. Acaba de receber, por exemplo, um email de um ex-combatente, deficiente de guerra, que vive nos Açores. A mulher morreu e ele não tem quem o cuide. Escreveu-lhe para dizer que há muito tempo que não sai de casa.

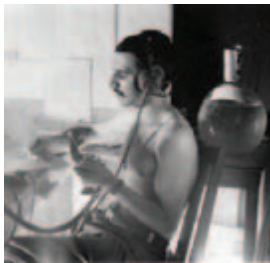
“Nós temos os problemas do envelhecimento que todas as pessoas têm mais a deficiência, que agrava tudo”, explica.

Todos os dias há pessoas que sofrem por causa de uma guerra que acabou há quatro décadas. Todos os dias alguém perde uma batalha contra memórias que não escolheu e que não controla. Mas há quem vença e então ganhamos todos. Como diz Margarida Calafate Ribeiro: “Os ex-combatentes que estão a partilhar as suas experiências obrigam-nos a perceber que uma democracia precisa de memória.” **w**



“A segunda geração conheceu a guerra de casa. Há marcas nas relações entre pais e filhos”, diz a psiquiatra Luísa Sales. Os filhos da guerra cresceram com perguntas e talvez tenham sido eles que começaram a dar respostas.

“É triste, mas são recordações daquela ocasião”



Uma imagem de um camião onde, debaixo de um oleado grosso, se consegue distinguir uma mão, uma costela e pouco mais – mas basta para percebermos que são corpos estilhaçados.

Podia ser uma imagem da Segunda Guerra Mundial, podia ser uma imagem de uma guerra longínqua e bárbara. Não é. É uma imagem da Guerra Colonial, a nossa guerra, e aquela mão podia ter sido de alguém que teríamos conhecido, alguém que teria sido pai, avô. Todas as guerras são bárbaras. Pode haver sorte, mas não há excepções.

No álbum de fotografias de guerra de João Hilário Lima, um álbum grosso, há as imagens a que nos habituámos a ver da Guerra Colonial: ele, fardado, com uma criança negra; ele, com um macaco pequeno e engraçado pendurado no ombro; ele, com a sua arma, contra a paisagem de África, sem estar em acção; ele, em acção, fazendo transmissões de rádio, em tronco nu, por causa do calor; ele, com os companheiros, numa atitude em que se percebe a ligação forte entre todos. A companhia tinha um fotógrafo. As fotografias custavam um escudo cada. Ele comprou muitas. Por alguma razão comprou também aquelas: carros levando corpos, moribundos ainda a beber um resto de água, ainda com esperança de sobreviver.

“Trouxe muitas coisas como recordação. Se calhar é triste, mas são recordações daquela ocasião”, diz. “Fazia parte da nossa vida.”

João Hilário Lima tem o seu arquivo no pequeno escritório do primeiro andar da loja de bricolage que montou em Viana do Castelo, depois de regressar de vários anos emigrado em França. Foi neste escritório, com vista para a paisagem do Minho em que nasceu, que escolheu as fotografias de guerra e passou o limpo os seus versos para o livro “Memórias de uma Guerra”, editado pelo Centro de Estudos Regionais de Viana do Castelo em 2014. Por trás da



“Nunca falei à minha mulher nem às minhas filhas nem a ninguém. [A guerra] ficou para trás. De repente, acordámos. Passados uns anos, toda a gente começa a pensar no passado.”

secretária onde se senta ao computador, tem, como um fantasma de si próprio, daquele que podia ter morrido e não morreu, a farda de 1.º cabo de transmissões pendurada num cabide de corpo inteiro, boina por cima.

Incluiu no livro também as fotografias que a família lhe mandou a pedido dele, para que não começasse a esquecer-se do rosto da mãe ou da namorada. Incluiu ainda um documento com os nomes dos que morreram, alguns mal acabados de chegar ao mato, ainda nem tinham percebido o que era a guerra.

Porque eram rapazes como ele, porque eram da aldeia, como ele. “Nas cidades, os estudantes, estavam informados, havia outra consciência. Mas nós, na aldeia, estávamos inocente de tudo. Sabíamos que havia guerra e de vez em quando morria um, era normal, mas não fazíamos ideia do que íamos lá encontrar.”

João Hilário Lima é um de oito irmãos. Começou a trabalhar no campo com os pais muito cedo, mas ainda teve a sorte de ter feito a quarta classe. Era ele que escrevia as cartas para a sua irmã, mais velha 10 anos, que não sabia ler nem escrever, quando esta foi madrinha de guerra. Ele escrevia o que a irmã ditava e depois lia o que os soldados mandavam, sem imaginar que um dia ele próprio mandaria aerogramas de África:

“Recebe estes versos que os fiz a pensar em ti: Feliz vai este aerograma voando/ Sobre as asas de um passarinho/ Minha namorada está esperando/ Não percas tempo pelo caminho/ E quando sobrevoares o mar/ Não o deixes cair, tem cuidado,/ O que escrevi não se pode apagar

(...) Querida Dores, faço votos que todos estejam de saúde e que tudo vai correndo bem por aí. Nós por cá pouco ou nada tem mudado, da impressão que cada vez é pior. Os dias vão-se passando, uns melhores, outros menos bem, mas temos de aguentar, às vezes não é fácil (...).”

Hilário Lima tinha ido voluntário para a guerra. Hoje diz que foi um “voluntário enganado”. No final dos anos 60, farto da pobreza, da falta de emprego, emigrou a salto. Demorou 20 dias a chegar a França. Ficou dois anos. Quando quis voltar, com medo de ser preso, decidiu apresentar-se voluntariamente para fazer o serviço militar. Foi para Moçambique em Janeiro de 1970, e participou, na região de Cabo Delgado, na Operação Nó Górdio, uma das maiores campanhas militares da História da Guerra Colonial. “Se soubesse o que lá ia encontrar, provavelmente tinha ficado em França.”

Mostra o resto da memorabilia: estilhaços, um resto de um morteiro, da noite de Natal em Nangololo, onde podiam ter sido massacrados. Por um acaso, um descuido de um soldado ruidoso, o ataque das forças de guerrilha começou antes de anoitecer, antes da ceia especial, antes que uma companhia inteira, do comandante ao soldado raso, se enfiasse dentro de uma grande igreja. Nessa noite, já não houve comida, e consoaram bebida. Nessa noite, apanhou uma das duas únicas bebedeiras da sua vida. A segunda, foi na noite antes de partir de Moçambique, uma bebedeira de alegria por voltar, inteiro, para casa. “O melhor momento da vida”, escreve no livro.

Quando chegou a casa, um dia depois de ter chegado a Lisboa, o irmão que vivia no Luxemburgo tinha encomendado fogo-de-artifício e a mãe tinha arranjado sardinhas em Março.

Era jovem, estava vivo, a namorada esperava-o. Durante 40 anos, a vida ocupou-o a tempo inteiro: casou, teve filhas, voltou a emigrar para França, tornou a regressar ao Minho.

“Nunca falei à minha mulher nem às minhas filhas nem a ninguém. [A guerra] ficou completamente para trás. Só ao fim destes anos todos é que começou a vir-me tudo à ideia. E vejo que acontece o mesmo com outros amigos, que desabafam comigo. De repente, acordámos. Passados uns anos, toda a gente começa a pensar no passado. Vai acontecer o mesmo daqui a uns anos aos que são jovens hoje. Quando se chega a uma certa idade, vê-se a vida como ela foi, a correr.”

Um dia, num Agosto, em que fechou a loja, como de costume, na altura das festas da Senhora da Agonia, estava na Praia do Norte, a olhar para o Monte de Santa Luzia onde tinha feito o I.A.O. (Instru-

JAIME FROUFE ANDRADE

“Só temos o que vivemos”

ção de Aperfeiçoamento Operacional) num Inverno frio antes de partir para o calor de Moçambique, escreveu as primeiras quadras do livro, que sabe de cor: “Com uma juventude mal vivida, / Meteram-nos dentro de uma farda. / Mal preparados saímos pr’á vida, / De uma recruta só alinhavada.”

João Hilário Lima volta a guardar os estilhaços dentro do pequeno saco de plástico, e pousa o pedaço de morteiro na secretária como um pisa-papéis. Arruma as cartas, postais e o álbum de fotografias, onde os mortos e os velhos são sempre jovens.

A mulher e a filha já fecharam a loja e não há ninguém. João Hilário Lima vai até à porta e pede que não me esqueça de dizer isto: “A História é feita de pessoas.” **W**



“Eu, que fui à guerra, já tinha sido responsabilizado por estar ao serviço da ditadura. E agora ia ser responsabilizado em democracia. Comecei a interrogar-me: o que é que eu poderia ter feito?”



“Tenho três filhos, tenho uma mulher, tenho uma viola – e tenho as emboscadas, tenho os ataques...”, diz. “A guerra faz parte do que eu vivi e eu acho que nós só temos aquilo que vivemos.”

Jaime Froufe Andrade, jornalista, agora reformado, não viu sempre com esta tranquilidade o seu período como alferes milícia no ranger.

Quando fazia a viagem de regresso, no Vera Cruz, de Moçambique para Portugal, sabia que o Niassa fazia o caminho inverso, de ida para a guerra, e levava o seu irmão. Ele era o desportista de entre os dois, e lembra-se de pensar, agora que sabia o que o irmão ia encontrar, que ele não se ia aguentar. Para Jaime foram difíceis os primeiros três, quatro anos depois da guerra – a mulher habituou-se a que ele acabasse a dormir debaixo da cama, muitas noites, reagindo a ruídos da rua –, mas o irmão veio pior do que ele. Ainda não havia nome para “stress pós-traumático”. Teve sempre uma vida instável. Morreu há poucos anos mas, antes de morrer, ainda leu o livro que Jaime Froufe Andrade lançou, “Não Sabes Como Vais Morrer”, publicado pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e que vai agora na 9.ª edição.

Não foi só pelo irmão que escreveu o livro. Escreveu-o pelos camaradas, para que o livro encorajasse aqueles que foram à guerra a confrontar as suas memórias: “Não como exercício masoquista, mas para ganharem consciência daquilo que Portugal lhes exigiu e para que não desistam de que o país reconheça o seu sacrifício.” Escreveu-o pelos filhos, de uma geração diferente, mais pragmática, menos dividida ideologicamente, mais capaz de colocar as histórias de guerra em contexto.

A CRISE

A Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, onde nos encontramos, fica num edifício antigo e grandioso na Baixa. É mais um edifício que falta renovar e aproveitar. Só o primeiro andar está ocupado.

Jaime Froufe Andrade comenta a crise actual e parecia não ter nada a ver com histórias de guerra, mas tem. “Comecei a ver que a geração dos meus filhos e dos meus netos pode passar mal e que a minha geração virá a ser responsabilizada, no futuro, pelo Portugal que deixámos”, diz. “Eu, que fui à guerra, já tinha sido responsabilizado por estar ao serviço da ditadura. E agora ia ser responsabilizado em democracia. Comecei a interrogar-me: o que é que eu poderia ter feito?”

Descobriu o que ainda podia fazer, 70 anos feitos. Diz que não gosta de usar a palavra “missão”, mas “acção”: dá palestras sobre a guerra colonial; e começou à procura de um antigo guerrilheiro – o antigo “inimigo” – de quem tem ainda um rádio que quer devolver. O gesto de reparação de uma pessoa só é melhor do que nenhum. **W**

“O meu irmão não faz ideia do que é a guerra, mas eu não sei o que é estar exilado”

Ao contrário de outras pessoas que foram à guerra, Carlos Reis nunca vai a encontros de “combatentes” e diz que não gosta nem da expressão. Mas quando fala do momento em que os homens com quem esteve em Cabinda – a maior parte deles, angolanos negros – se despediram dele, emociona-se.

Também não gosta muito de falar sobre a guerra e tem dúvidas de que faça realmente diferença falar. Não porque a sua guerra tenha sido “traumática” – considera-se um dos afortunados que tiveram uma guerra menos má (boas, não as há) –, mas porque lhe parece que tudo ficou adormecido durante demasiado tempo e que talvez já seja tarde demais. Nos primeiros emails que trocámos, escreveu que se sentia um pouco ridículo quando, sentado num mesa de um café qualquer, dava por ele a falar aos mais novos da guerra. Dava por ele velho. “Dá a impressão de que estaríamos a falar da Batalha de Aljubarrota”, escreveu. Lembrava-se de quando ele era novo e “ouvíamos histórias de velhinhos e lhes dávamos um desconto...”

Carlos não gosta muito de falar sobre a guerra e tem dúvidas de que faça realmente diferença falar. Parece-lhe que tudo ficou adormecido durante demasiado tempo e que talvez já seja tarde demais.

De vez em quando, escreve: pequenos textos que nunca publicou, relatos de episódios, a maior parte mostrando o lado anedótico da guerra, às vezes quase patético, dos pequenos problemas. Como atravessar um ribeiro? Como enganar o português com a mania que é esperto e que enganava a população no seu comércio no meio do mato? Como comer qualquer coisa que não sejam conservas?

São histórias de crescimento, na verdade, de quem não estava só a aprender a manobrar armas e a caminhar no mato ou como contactar com a população “indígena” para fazer acção “psicossocial”, mas de quem estava a aprender o bem e o mal e a flexibilidade destes conceitos, de quem aprendia sobre a ironia da vida e sobre a falta de equilíbrio do mundo.

“Uma guerra é uma coisa inútil e estúpida, mas sem querer tirei partido dela: fiquei com uma maneira diferente de ver o mundo. Pelo menos, diferente de quem tenha feito toda uma vida no mesmo sítio, a entrar às oito e a sair às seis do trabalho.”

Ele era muito novo quando foi para a guerra e era ainda novo quando voltou. Vinha feliz como só quem passou por situações de perigo e sobreviveu é feliz. Nessa época, não queria pensar muito mais na guerra. “Lembro-me de estar lá e de ter cagaço e de ter uma espécie de rotina, mas não estava tão lúcido como agora.”

Carlos Reis tem um irmão e a história dos dois dava para resumir a história dos homens portugueses da sua geração. Um foi à guerra, o outro exilou-se. Quando o Salazar morreu, o pai enviou-lhes uma carta cifrada a cada um, uma para Paris e outra para Angola.

Só por um acaso, Carlos não teve a oportunidade de dar o “salto”. Ter ido à guerra não tinha sido uma escolha. Mas, mais tarde, percebeu que não podia concluir simplesmente que uma experiência era pior do que a outra. De certa forma, toda a sua geração, incluindo os que tinham fugido, tinha sofrido com aquela guerra.

“O meu irmão não faz ideia do que é a guerra, mas eu não sei o que é estar exilado, ou a trabalhar numa fábrica, ou estar quase a morrer de frio ou onde não ter onde dormir.”

O irmão sonhará talvez com esses tempos na Europa como Carlos sonha de vez em quando com África. São sonhos surrealistas os que tem. Não são violentos. Mas neles há sempre um mal-estar. “Não sei o que é que estou ali a fazer.” **W**



“Dá a impressão de que estaríamos a falar da Batalha de Aljubarrota”, escreveu. Lembrava-se de quando ele era novo e “ouvíamos histórias de velhinhos e lhes dávamos um desconto...”.

GISELDA
PESSOA

“As mulheres têm mais arcaboijo”

Como fazia tantas vezes, foi buscar um ferido a uma zona de combate. Era um miúdo, provavelmente ainda mais novo do que ela, que era também uma miúda. Quando chegou ao pé dele, ele disse-lhe: “Sr.ª Enfermeira, eu vou morrer. Não está cá a minha mãe, dê-me a mão.”

“Eu abri-lhe o camuflado, só lhe vi o peito desfeito, pensei: ele tem razão. E peguei-lhe a mão.”

Essa foi uma das vezes em que Giselda Pessoa pensou em vir-se embora da Guiné-Bissau, pedir para terminar o seu serviço como enfermeira pára-queda. Houve outras, como quando morreu uma enfermeira sua colega, num acidente com uma hélice de um avião. Ou quando vieram ter com ela, perguntar se sabia quem tinha morrido naquele dia e ela soube logo, porque tinha acabado de ver, enquanto adormecera por instantes, de cansaço, num avião, o rosto dele. Era outro miúdo. Um piloto. Tinha ido com ele recentemente ao cinema, em Bissau, para o animar. Não havia psicólogos e eram as enfermeiras que faziam muitas vezes esse papel: ouviam. Era um miúdo que se estava a isolar muito, andava em baixo. “Fui com ele ver um filme de ‘cowboys’. O ‘cowboy’ deu o beijo a uma rapariga e foi uma festa no cinema.” Depois, ele melhorou, recomendou a voar. “Foi com excesso de confiança e morreu.”

Nessa altura, mais uma vez, pensou meter os papéis para vir embora, mas depois pensava que precisavam dela ali, pensava nos homens que tinha conseguido retirar ainda vivos.

“As mulheres têm mais arcaboijo para aguentar certo tipo de coisas; têm mais força interior”, diz.

O trabalho era esgotante. As folgas eram quando não aguentavam mais. A Guiné-Bissau era um país muito mais pequeno do que Moçambique, onde tinha estado antes, e podia fazer mais do que uma “evacuação” num dia. Gostava disso, de sentir que fazia muito por aqueles miúdos, muitos deles vindos de aldeias como ela, sem saber nada sobre o mundo, impreparados, a chamar pelas mães.

Depois havia os tempos de espera, em que não havia nada para fazer na pequena cidade de Bissau. Leu muito. Numa semana de pouco trabalho, leu os dois volumes do “Guerra e Paz”.

Ficava, continuava a ficar, para além do tempo normal de serviço, porque era recompensador. Havia sempre alguém que dizia como aquele ferido ou o outro tinham depois comentado a diferença que tinha feito a sua ajuda. Continuou a ouvir isso ao longo dos anos. Ainda recentemente, um homem lhe telefonou para lhe agradecer. Tinha andado todos estes anos à procura dela, da enfermeira que o tinha safado. Disse-lhe que foi quando a viu que pensou que se ia safar.

Giselda, afinal, só decidiu vir embora quando mudaram as regras e tinha ficado decidido que as enfermeiras mulheres já não iriam buscar feridos a zonas de combate. Chegou a



Pensou meter os papéis para vir embora, mas depois pensava que precisavam dela ali, pensava nos homens que tinha conseguido retirar ainda vivos.

Portugal e uma semana depois deu-se o 25 de Abril.

Giselda casou com um piloto que tinha conhecido na Guiné. Tinha tido uma irmã pára-queda também. A sua vida nunca se afastou do mundo militar nem das amizades que tinha feito na guerra. Não tentou esquecer as memórias da guerra, nem lhe pareceu desejável fazê-lo, mas se também não as escreveu antes ou se não fez nada com elas antes, era porque a vida continuou e a vida, trabalho e filhos não davam tréguas. Só há poucos anos, em conjunto com outras enfermeiras, e sobretudo quando uma delas adoeceu, é que decidiram registar as suas histórias e até publicaram um livro. Só recentemente também é que o trabalho destas mulheres começou a ser reconhecido e a ser falado.

Giselda tem muito para dizer sobre a guerra mas, no final, diz apenas que se pode aprender com a guerra. Que o mais importante talvez seja que se aprende a relativizar. Quando se lembra da guerra – ou quando se lembra de muitas batalhas perdidas no seu dia-a-dia como civil nos hospitais –, olha em redor, para o trânsito, para o stress das pessoas, para os enormes pormenores do quotidiano, para as queixas e as confusões por coisa pouca, e pensa que tudo está bem. **W**